



Ferreira Gullar: da descoberta da poesia à poesia redescoberta

Suzanny de Araujo Ramos¹

Resenha de:

JIMÉNEZ, Ariel. **Ferreira Gullar conversa com Ariel Jiménez**. Tradução Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

Num diálogo claro e fecundo, **Ferreira Gullar conversa com Ariel Jiménez** (2013) reilumina a singular trajetória de um dos maiores poetas e escritores de língua portuguesa. Lançado pela influente Fundación Cisneros/Colección Patricia Phelps de Cisneros em parceria com a Cosac Naify, o livro inaugura a publicação no Brasil da série *Conversas* – direcionada essencialmente à promoção e difusão da arte produzida na América Latina.

A escolha de Ferreira Gullar para integrar o primeiro volume da série é no mínimo fulcral. Centralizada no âmbito da literatura, da cultura e das artes plásticas, é inegável o contributo de sua obra à sociedade brasileira. Como poeta, jornalista, crítico de arte, cronista, tradutor, ensaísta, memorialista, biógrafo e dramaturgo, Gullar entregara-se sem ressalvas ao impulso (sempre lúcido) de suas convicções, guiado por uma postura crítica e sobretudo autocrítica que sempre lhe acompanhara.

Preliminarmente, assinala-se, no intercâmbio de ideias que o livro executa, a tonalidade fluida da conversa que já desde o início captura a atenção do leitor. Analogamente, sobressai uma prosa límpida e reveladora posto que, ao (re)lançar uma visada crítica sobre a vida e a obra do poeta – abarcando suas rupturas e continuidades, seus principais conflitos e impasses, e a maneira como foram sendo resolvidos –, inaugura novas perspectivas de interpretação sobre as mesmas.

No plano estrutural, o livro desmembra-se em seis seções que orientam o diálogo entre Ferreira Gullar e Ariel Jiménez. No seu conjunto, redesenham de maneira panorâmica o emaranhado de vozes (confluentes e dissonantes entre si) e perspectivas estéticas de que Ferreira Gullar se apropriara ao longo de sua sexagenária trajetória.

¹ Doutoranda em Literatura Brasileira na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Examinam, ainda, como a sua particular experiência com a obra de arte esteve (direta ou indiretamente) condicionada a uma série de interferências internas e externas, pessoais e coletivas, que delinearão os caminhos a serem seguidos.

O diálogo inicia-se nas malhas da memória. “Inventar a si mesmo – O descobrimento da poesia” reacende de imediato as lembranças de um tempo passado que ao poeta marcara profundamente e conseqüentemente influenciara a sua vida adulta. “Afim de contas, somos feitos dessas coisas ínfimas que vão se acumulando lentamente em nós” (p. 29).

Num relato lúcido e sensível, Ferreira Gullar revisita episódios inescapáveis de sua infância e juventude em São Luís do Maranhão, as circunstâncias que foram determinantes ao seu encontro com a poesia e de como despertara, ainda na cidade maranhense, o interesse pelas artes plásticas, bem como as aspirações que o impulsionaram a mudar-se, em 1951, para a então capital do país.

“Além de São Luís, o mundo – Uma arte nova, uma poesia nova”, propicia uma visada ampla da relação estreita que o poeta, já no Rio de Janeiro, mantivera com importantes artistas plásticos como Lygia Clark e Hélio Oiticica, todos partilhando da mesma aspiração de pensar criticamente os caminhos das vanguardas no Brasil. Gullar assinala, inclusive, a inegável importância da amizade que travara com o crítico de arte Mário Pedrosa permitindo-lhe, nas suas palavras, “entrar em um território de reflexão que não havia conhecido antes” (p. 52).

Ao lado disso, aborda a experimentação formal de *A luta corporal*, cujos poemas se de um lado já revelavam uma “preocupação com a organização espacial das palavras” (p.115), de outro prenunciavam os rumos de sua poesia posterior. No caso, as experiências com o concretismo e o neoconcretismo que mais tarde, ao serem levadas ao limite com o *Poema enterrado*, determinariam a sua abdicação dos movimentos de vanguarda.

Uma nova visão do mundo e da arte incidira simultaneamente com a sua mudança para Brasília, como relata-nos em “Brasília mudou meu pensamento – A arte a serviço do povo”. Ao lembrar sua experiência como diretor da Fundação Cultural de Brasília, Ferreira Gullar retoma as circunstâncias que foram decisivas ao seu rompimento com as vanguardas e a aspiração – a partir do contato direto com os problemas sociais do país – de se fazer uma poesia como veículo de transformação da realidade. Assim, apropria-se de uma voz marcadamente política e escreve os livros *Romances de cordel* e *Dentro da noite veloz*.

Consoante a esse cenário de mutações sociais e políticas, “Utopia e realidade – Os caminhos do exílio” revive o instável e opressor contexto da ditadura militar no Brasil que influíra diretamente na vida do poeta e é por ele revisto a partir do relato das circunstâncias que foram determinantes à culminação de seu exílio.

Nessa mesma direção, “Para recuperar a experiência vivida – *Poema sujo*: um divisor de águas” prossegue as reflexões anteriores e revela-nos como as circunstâncias limítrofes levaram-no a uma necessidade profunda de expressar a sua inquietude interior. Assim, Ferreira Gullar descreve-nos o processo de criação do seminal *Poema sujo*, uma “indagação poética da existência” (p. 209) que, pela poderosa força criadora, determinara o seu regresso ao Brasil.

“O leito natural das artes – Escrevendo depois das vanguardas” dá o fecho do livro esclarecendo-nos como Ferreira Gullar reencontrara o caminho da poesia após o impasse a que chegara na sua experiência com as vanguardas. Ademais, o poeta repassa os livros que publicara após *Poema sujo*, assinala a especificidade de sua obra mais recente, bem como deixa clara a sua concepção da obra de arte como possibilidade de enriquecimento do mundo, de agregar sentido à existência, considerando-se que “se a arte existe, é porque a vida não basta” (p. 237).

Ao reacender, numa percepção ampla e profunda, a lucidez de toda uma trajetória, **Ferreira Gullar conversa com Ariel Jiménez** já se tornara leitura obrigatória na fortuna crítica do poeta. A força do livro reside na possibilidade de (re)pensar a magnitude de uma voz comprometida com a realidade e com os homens, cravada no âmago de uma existência tão vibrante quanto prolífica, a que damos o nome de Ferreira Gullar.